



Uma Reflexão sobre a Elaboração de Uma Atividade na Disciplina de Língua Portuguesa no Curso de Comunicação Social sob as Lentes da Complexidade¹

Angélica Miyuki FARIAS²

FECAP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar uma reflexão à luz da Teoria da Complexidade (Morin, 2008) sobre uma atividade desenvolvida por alunos do segundo semestre do curso de comunicação social em ambiente presencial numa instituição privada na cidade de São Paulo. Embora não seja uma graduação a distância, a instituição incentiva a utilização da plataforma Moodle em todos cursos que oferece.

Entre os recursos que tal plataforma possui, selecionamos o fórum para desenvolver uma das etapas da atividade.

Ressaltamos ainda que inseridos em um contexto educacional cuja referência é o paradigma newtoniano-cartesiano, a tentativa de superar tal visão dicotômica serviu-nos como principal motivação para a realização de cada etapa da atividade, pois acreditamos que o aprendiz deva desenvolver uma compreensão crítica, tornando-se cidadão participativo e transformador.

PALAVRAS-CHAVE: fórum; complexidade; interface digital; Língua Portuguesa; ensino-aprendizagem de línguas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão a partir de uma atividade elaborada com alunos do curso de Comunicação Social de um centro universitário privado da cidade de São Paulo cujo contexto educacional está estruturado com vistas ao Paradigma Tradicional, mas sob a reflexão do Pensamento Complexo. Busquei mais especificamente perceber de que forma a atividade foi elaborada e conduzida, mas principalmente se os princípios da Complexidade permeavam as várias ações dela depreendida.

Para tanto, passo a apresentar a fundamentação teórica deste estudo.

¹ Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestre em Lingüística Aplicada pela PUC-SP, email: angelmy@terra.com.br



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho estrutura-se em um contexto educacional tradicional cujo contraponto é uma atividade envolvendo um romance, filmes, a disciplina de Expressão Corporal e um fórum de discussão. A reflexão que se faz deste estudo é norteada pelos princípios do Pensamento Complexo, por esta razão se faz necessário a discussão teórica que o envolve e é apresentada a seguir.

Segundo Morin (2007), para que possamos entender o paradigma complexo, é necessário que possamos tomar conhecimento do paradigma simplificador, embora muito criticado, ainda é vigente em muitas áreas do conhecimento. Tal paradigma tem seu surgimento no século XVIII, quando Descartes, com a obra *Discurso do método*, cria um modelo conservador e dominante que preconiza a racionalização, a fragmentação e a visão linear da Ciência.

O paradigma cartesiano considera como princípios básicos a ordem e a simplicidade. É um paradigma que coloca ordem no universo, eliminando a desordem. Percebemos que essa relação dicotômica estende-se para a noção de simplicidade que vê o uno, ou o múltiplo, porém não é capaz de ver que a parte pode ser o todo ao mesmo tempo. O conhecimento é fragmentado para que se possa chegar a unidades mínimas e absolutas, dissociadas umas das outras.

As implicações do modelo cartesiano para a Educação é a hiperespecialização, gerando as várias disciplinas em que o sujeito é separado do objeto. O homem biológico não é o homem filosófico, compartimenta-se tudo: história, geografia, química, física, literatura são disciplinas distintas, separadas, “*não permitem articular entres si os conhecimentos de disciplinas diferenciadas*” Morin (2009:62).

Observa-se que na Educação moderna, o que não é baseado no cartesianismo e no mecanicismo, ou seja, o que não é científico, não pode ser considerado relevante. Considerando-se a relevância da separação, presenciamos escolas cujos cursos são definidos a partir das várias disciplinas estanques que os compõem. E o que fazer quando tomamos conhecimento de uma concepção emergente cujos princípios parecem responderem aos anseios, demandas de nossa sociedade? O que fazer quando nós, professores, percebemos que os avanços tecnológicos e a globalização adentram nossos lares, nossas escolas, nossas vidas com ou sem nosso consentimento? Quando estamos ainda tentando nos adaptar a tantos aparatos tecnológicos: e-mail, twitter, blogs, facebook, moodle, etc.



Moraes (2008) argumenta que tais questões podem ser angustiantes principalmente para aqueles como eu, fruto do paradigma cartesiano e cujo pensamento busca a linearidade, a ordem e a previsibilidade, mas luta pela transformação. Transformação esta que encontra alicerces nos preceitos do Paradigma Complexo. Por outro lado, paradoxalmente, nossos alunos nascidos no final do século XX e início deste, comportam-se de maneira muito confortável com tais tecnologias, porém a concepção que carregam sobre a educação é ainda calcada no Paradigma Tradicional, reforçada alias pela própria estrutura curricular que avalia o desempenho estudantil pelas notas finais de cada disciplina a cada final de período/semestre/ano. Nesse contexto educacional, não importa o processo, mas o resultado estanque e avaliativo sobre o desempenho por meio da média final atingida, percebe-se nitidamente o efeito causa-efeito do Paradigma Tradicional nas várias matizes que o sustentam.

Numa tentativa de refletir sobre tal questionamento, encontramos na Complexidade algumas possíveis respostas. Na busca em ligar o pensamento analítico-reducionista e o pensamento da globalidade, Morin (2007:54) propõe o que cunhou de *scienza nuova*:

(...) a *scienza nuova* não destrói as alternativas clássicas, não oferece solução monista como se fosse a essência da verdade. Mas os termos alternativos tornam-se termos antagônicos, contraditórios, e ao mesmo tempo complementares no seio de uma visão mais ampla, que vai precisar reencontrar e se confrontar com novas alternativas.

A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.

Contraditório e complementar, Morin propõe o Paradigma Complexo e esclarece os três princípios que o caracterizam, são eles: o dialógico, o da recursividade e o hologramático.

Para o princípio dialógico, o autor argumenta que é necessário unir princípios, ideais e noções que parecem opor-se umas as outras. Como exemplo, Morin, ao expor a fórmula de Heráclito, afirma que tal princípio une duas noções que deveriam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade. Ainda sobre esse princípio, Morin retoma a questão sobre a ordem e a desordem. Segundo ele, ordem e desordem, em alguns momentos, são antagônicos, pois uma suprime a outra, no entanto, em certos casos, são também complementares, já que podem também estabelecer organização e complexidade.



No segundo princípio, denominado recursão organizacional, Morin esclarece que tal princípio é um processo recursivo à medida que quem o produz, altera-se nesse circuito, modificando conseqüentemente o que havia produzido, alterado e alterando novamente, num processo autoconstitutivo, um movimento espiral em que se rompe com a idéia de causalidade linear, elemento principal do Paradigma Cartesiano.

O terceiro princípio é o que Morin denominou de hologramático. Indo além da idéia reducionista de apenas se considerar as partes ou do holismo que somente enxerga o todo, o princípio hologramático é a representação do todo, considerando-se suas partes, ao mesmo tempo que percebe as partes a partir do todo.

Ao analisarmos tais princípios, percebemos que a separação do sujeito e objeto preconizada pelo Paradigma Cartesiano não tem espaço na concepção complexa de Morin. Nesse sentido, a reforma do pensamento é paradigmática e a principal missão do ensino é a de “*religar as questões a partir do ser humano, mostrando-o em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais.*” Morin (2009:69). É pela religação de duas culturas separadas, a da ciência e a das humanidades que se torna possível o resgate da cultura. (Morin, 2010). Partida em dois blocos pelo Paradigma Tradicional, de um lado, há a cultura humanística, uma cultura genérica que propicia por meio da filosofia, do ensaio, do romance, nutrir a inteligência geral, enfrentar os grandes questionamentos próprios do ser humano, estimular a reflexão sobre o saber e favorecer a integração pessoal dos conhecimentos. Do outro lado, há a cultura científica, uma cultura técnica que separa as áreas do conhecimento, conquista descobertas admiráveis, mas não faz uma reflexão sobre seu próprio futuro ou sobre o nosso destino. A cultura científica apenas considera a cultura das humanidades “*um luxo estético*”, enquanto de fato esta propicia a inteligência geral que a mente humana aplica aos casos particulares. A cultura das humanidades interpreta os saberes científicos como saberes abstratos ou ameaçadores. É necessário que as duas culturas interajam-se e interajam entre si. Nesse movimento contraditório e complementar, Morin (2010:20) afirma:

A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.

Uma proposta de ensino-aprendizagem em que tanto a cultura das humanidades como a cultura científica sejam consideradas e permitam que as várias disciplinas que as compõem possam articular entre si seus conhecimentos é um traço fundamental do



Paradigma da Complexidade. Além do estabelecimento do diálogo disciplinar, é importante que se restabeleça o verdadeiro papel da literatura, da poesia, da música e do cinema. Ao invés de simples objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, tais manifestações artísticas devem ser consideradas ‘*escolas de vida, em seus múltiplos sentidos.*’ (Morin, 2010:48).

Ao ler um romance, o aluno pode ser capaz de viver um momento passado de outrem em sua história presente, reconhecer na subjetividade de um personagem suas próprias aflições e anseios vividos ou por vir a viver, apropriar-se das palavras de seus heróis e/ou heroínas para expressar-se plenamente em suas relações com o outro. Morin (2010:49) afirma:

E no romance, no teatro, no filme, que percebemos que *Homo sapiens* é, ao mesmo tempo, indissolúvelmente, *Homo demens*. (...) É, pois, na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida.

Nota-se pelo que foi exposto que tal proposta é marcada por grandes desafios. Moraes (2008) argumenta que tais desafios são ainda mais realçados tanto pelos inúmeros avanços tecnológicos como pelos efeitos de um mundo globalizado. É preciso entender que mundo globalizado é sinônimo de mundo “*enredado*” (Moraes, 2008:25) que se relaciona de forma interdependente com as várias partes heterogêneas que o compõem. A escola é uma parte desse todo complexo. De fato, a sociedade em rede está para um holograma, assim como o contexto educacional está para uma parte desse cenário complexo. No entanto, adverte a autora, se existe a possibilidade de utilizarmos qualquer que seja a interface digital em nossas aulas e a fazemos de maneira tradicional, apenas estaremos reproduzindo um modelo carente de transformações, um modelo instrucionista linear ao invés de trabalharmos para a ressignificação do paradigma educacional vigente.

Ciente também da necessidade de propostas pedagógicas alternativas à estrutura tradicional, Ferraz (2009) argumenta que os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) podem ser um forte aliado àqueles que pretendem reconfigurar sua prática em sala de aula, sem perder de vista a construção de conhecimento a qual se constitui a partir das interações entre professor e alunos. Citando a plataforma Moodle cujo acrônimo modular é “*Object-Oriented Dynamic Learning Environment*” como exemplo



de AVA, a autora afirma que muitas instituições de ensino têm utilizado tal plataforma para cursos on-line ou como uma extensão da sala de aula até a Internet.

Alves (2009) elenca as interfaces síncronas e assíncronas da plataforma Moodle, relatando a relevância pedagógica de cada uma. Entre tais ferramentas, o fórum de discussão, uma ferramenta assíncrona, propicia um espaço no qual alunos e professor discutem um tema. Como é assíncrona, o participante pode enviar mensagens independente de outro aluno ou professor estar conectado ao ambiente. Além disso, a partir dos comentários feitos ao tema proposto, respostas podem ser também postadas nesse espaço. De acordo com a autora, a perspectiva pedagógica para o fórum de discussão são inúmeras, mas principalmente como um espaço de construção coletiva de conhecimento em que a reflexão e a ressignificação do que está sendo discutido são propiciadas pelo perfil assíncrono da interface.

Apresentados os pressupostos teóricos que norteiam este estudo, encontram-se a seguir a atividade e a análise feita a partir do que foi discutido nesta seção.

ROTEIRO DA ATIVIDADE

Participantes

A atividade ocorreu como uma proposta elaborada por mim, professora da disciplina de Língua Portuguesa II, e negociada com uma turma de 18 alunos do 2º semestre do Curso de Comunicação Social, matutino, num centro universitário particular na cidade de São Paulo. Tal atividade ocorreu no segundo semestre do ano de 2010. Ressalto ainda que os dezoito alunos participaram das atividades, exceto no fórum de discussão onde 12 alunos escreveram o relato acerca da relação do romance com o curso de Comunicação Social.

Atividade

1ª etapa: Antes do término do primeiro semestre, foi pedido que a sala elegesse um livro como leitura de férias. Sugeri alguns títulos e expliquei como trabalharíamos no início do segundo semestre.

A opção em trabalhar com o livro apenas no segundo semestre justifica-se na expectativa que havia em proporcionar tempo para a leitura do romance e a possibilidade de que no segundo semestre os alunos pudessem estabelecer paralelos com as outras disciplinas de sua vida escolar estudadas anteriormente e durante o curso. Além disso, objetivava transformar a própria disciplina de Língua Portuguesa II cujo



conteúdo programático caracterizava-se pela produção de gêneros textuais, mas também pelo ensino estéril da gramática.

2ª etapa: A sala optou por ler “A menina que roubava livros”. Com a escolha dessa obra, pretendi propor a discussão sobre a relação de uma determinada época, a era de Hitler, marcada pelo preconceito, intolerância, sede de poder. Posteriormente o livro foi comparado a filmes que também retratam esse período. Levando os alunos a trabalhar com diferentes mídias/veículos e à reflexão que tais recursos podem provocar.

3ª etapa: No começo do segundo semestre, dividimos os capítulos do livro em grupos para uma apresentação oral em que os critérios de avaliação eram a análise crítica do capítulo e a forma que tal análise era veiculada. Um grupo, por exemplo, preparou uma fotonovela cujos personagens da história foram representados pelos integrantes do grupo. Outra equipe selecionou *trailers* de filmes sobre o nazismo como pano de fundo de sua apresentação. Um outro ainda selecionou a música do grupo Metallica “Unforgiven” para abrir a apresentação.

4ª etapa: Durante as apresentações, os grupos decidiram fazê-las sem qualquer interrupção. No final do último capítulo, abriu-se um espaço para um debate sobre as impressões pessoais em relação à leitura. Como houve pouca participação, recorri a interface fórum de discussão para que os alunos expusessem seu ponto de vista. O fórum foi intitulado “O que “A menina que roubava livros” está fazendo no curso de Comunicação Social?”.

Posteriormente, houve um encontro com cada grupo para a avaliação da apresentação. Nesse momento, os grupos puderam discutir os itens avaliativos, fazendo, em primeiro lugar, uma auto-avaliação de seu desempenho e posteriormente a elaboração da apresentação e a apresentação em si. Nesse encontro, a média referente à nota foi calculada a partir da avaliação do grupo e da professora.

5ª etapa: Ocorreu, então, uma segunda apresentação em que o livro foi comparado a um filme cujo tema também retratava o período nazista. Os critérios de avaliação também focavam a análise crítica a partir da comparação entre ambas obras e a forma que tal reflexão foi veiculada. Mais uma vez, deixei a critério dos grupos a forma como a apresentação aconteceria. Tentando buscar o diálogo com outras disciplinas, a professora de Expressão Corporal participou dessa etapa do trabalho. À medida que as apresentações ocorriam, as duas professoras faziam o *feedback* do trabalho. Enquanto eu, professora de Língua Portuguesa fazia observações em relação à análise (estilo do autor, de que forma o filme retratou o mesmo período, a seleção de material para a



apresentação, a pesquisa envolvida para o trabalho), a professora de Expressão Corporal focou gestos, posturas, tom de voz que influenciaram a qualidade das apresentações³.

ANÁLISE DA ATIVIDADE

Ao considerar os princípios da Complexidade na proposta e elaboração da atividade, devo entender que desde o instante que o aluno inicia a leitura de um texto, neste caso, o romance “*A menina que roubava livros*”, ou assisti a um filme, a recursividade e os princípios hologramático e dialógico estão presentes na interação. Nessa fase, acredito que o aluno pode confrontar seus sentimentos e visão de uma época histórica, perceber que face a tanto horror, há também solidariedade, compaixão e coragem daqueles que apesar de aterrorizados, arriscaram suas vidas e de suas famílias para salvar um outro ser humano cujo “crime” era sua religião, etnia ou partido político. Assim, o princípio dialógico emerge a partir do entendimento de quão complexo é o ser humano, contraditório e complementar ao mesmo tempo. Como podemos observar nos excertos abaixo retirados do fórum de discussão, essa relação elucidada-se com grifos meus:

Karina:

(...) para mim o livro trouxe mais informações da época nazista, envolvendo uma ampla descoberta entre a morte, a guerra e o amor. (...)

Ainda nesse momento entre leitor e obra, ou espectador e filme, o movimento recursivo está presente uma vez que carregamos nossas impressões, nossas concepções, nossos sentimentos no processo interativo de ler um texto ou ver um filme, somos capazes de dialogar com os personagens, transformar nosso discurso, e o movimento contínuo de transformação perpassa todo o caminho enquanto trilhamos leitor/espectador e personagens pela obra. Os trechos abaixo também foram retirados dos relatos feitos no fórum de discussão e apresentam grifos meus:

Pedro:

Acredito que a real importância do livro “*A menina que roubava livros*” no nosso curso é o contexto histórico. Temos que explorar o passado para entendermos o que se passa no agora e

³ Esse trabalho está registrado em vídeo e tem o consentimento dos alunos para o desenvolvimento de pesquisas a respeito.



o livro nos mostra a realidade da Alemanha nazista que foi um dos mais marcantes fatos do século passado.

Pela lente hologramática da Complexidade, é possível observar que somos parte em alguns instantes e todo em outros:

Thaís:

(...)A Liesel no começo parte de uma observação mais ingênua, mas depois quando Max vai morar em sua casa ela analisa o Nazismo de outra maneira. Portanto assim como a Liesel nós amadurecemos os nossos pensamentos e buscando uma visão mais ampla de todo o nosso cotidiano logo é essa a relação que faço do livro e do curso de Comunicação Social.

Tais princípios também marcam o processo no qual os alunos reúnem-se para a elaboração tanto da fase que apresentam a análise do livro como a comparação com o filme. Nesse momento, o aluno é a parte do todo chamado grupo, parte esta que se dissolve na apresentação do trabalho, na apresentação do todo, entendo que é a marca hologramática dessa fase do trabalho. Ao discutirem o livro ou o filme, um novo texto é escrito, um novo “roteiro” se estabelece num processo recursivo e colaborativo a partir da primeira leitura da obra (filme ou livro) e da interação com o grupo, mas é escrito também a partir de opiniões contrárias e complementares que expuseram durante as apresentações dos trabalhos. Esclareceram suas opiniões, por vezes, divergentes, às vezes, complementares a respeito dos personagens, estilo do autor e tema abordado:

Fábio:

Na minha opinião a leitura do livro "A menina que roubava livros" foi muito positiva, pois além de trazer um conhecimento maior a respeito do assunto nazismo e suas consequências desde sua origem até os dias atuais, nos possibilitou discussões interessantes, além de conhecer outros pontos de vista.

Acredito que o *feedback* referente às apresentações a partir das anotações feitas por mim caracterizou-se por um momento de resgate em que todos refletiram sobre o trabalho. Nessa fase, os alunos tiveram a oportunidade de se auto-avaliarem, reverem pontos marcantes da apresentação a partir do que lembravam e das minhas anotações, em um movimento recursivo, voltaram a sua prática passada com olhar do presente, vislumbrando o que poderia ser a próxima etapa do trabalho quando o livro seria comparado a um filme escolhido por eles próprios. Abaixo um exemplo sobre a



avaliação que os alunos fizeram e utilizaram o fórum de discussão para demonstrar suas opiniões:

Fábio:

Reprovei minha apresentação, a qual demonstrou uma falta de preparo/treino tanto minha, quanto do grupo que ao tentar inovar acabamos nos perdendo e depois na tentativa de fazer como já era habitual para nós, não tínhamos mais tempo e resultou numa apresentação confusa, que não fez jus ao conhecimento que tínhamos.

Na tentativa de propiciar uma atividade em que a construção de conhecimento não estivesse tão fragmentada, busquei trabalhar com um tema que evocasse as várias disciplinas pelas quais os alunos haviam cursado ou estavam cursando, pois partilho do pensamento de Genevière Mathis (apud Morin, 2010:49): “*uma única obra literária encerra um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética ...*”. Podemos observar alguns excertos com a reflexão referente ao diálogo da disciplina com as demais:

Pedro:

Um comunicador tem como dever se manter atento a todo e qualquer assunto que corra o mundo. Para isso, a principal ferramenta que temos é a leitura. (...)

(...) Esse livro é excelente nesse sentido. Quanto mais lemos, mais bagagem adquirimos e "A menina que roubava livros" foi uma ótima primeira "grande" leitura que fazemos no curso e acrescentou muito na nossa cultura.

Danielli:

Em nosso curso precisamos saber muita história e possuir muita cultura, assunto básico deste livro.

Amanda:

(...) Em minha opinião, as relações que podem ser feitas com relação à comunicação social é ver através do livro o contexto da guerra de uma maneira diferente e como um homem (Hitler) e seus ideais absurdos, causou tanto impacto na vida das pessoas, por meio da comunicação, convencimento e extrema persuasão, conquistando as pessoas e até criando fanáticos por ele.

(...)

Por outro lado, percebe-se que a concepção de que o conteúdo da obra deva estar atrelado ao curso, favorecendo dessa forma a especialização, é também uma marca nos depoimentos apresentados nos seguintes trechos:



Larissa:

(...) Entretanto, na minha opinião, não vejo relação do livro com o curso de Comunicação, claro, que é sempre bom aprimorar nossa leitura e nosso vocabulário, não tenho em mente, mas acho que tem livros relacionados para nossa área.

Letícia:

(...) Quanto às relações que podem ser estabelecidas entre a obra e o curso de comunicação social, não consigo identificá-las de forma clara. Na verdade, posso apontar apenas uma: a habilidade que o autor tem de trabalhar com as palavras, transmitindo sua mensagem/ideia.

Observa-se assim que a importância do estudo especializado pode sobrepor à concepção de uma escola mais unificadora, menos fragmentada. Mesmo quando as alunas relacionam o romance com o curso, as análises ainda estão vinculadas apenas à disciplina de Língua Portuguesa.

Ainda em relação às apresentações com os filmes, pudemos contar com a contribuição de Leslye Revely, professora de Expressão Corporal. De fato, a participação da professora Leslye viabilizou o diálogo de, pelo menos, duas disciplinas do curso de Comunicação Social. No entanto, objetivava que além das disciplinas de Língua Portuguesa e Expressão Corporal, os alunos sensibilizassem-se e articulassem, por meio da atividade proposta, as várias áreas do conhecimento, por esta razão finalizei a atividade com o fórum de discussão em que os participantes puderam refletir sobre o propósito da leitura “*A menina que roubava livros*” e os desdobramentos desse trabalho no curso de Comunicação Social.

Esclareço aqui que a princípio, houve a tentativa de fazer-se um debate sobre esse tema em sala de aula, mas como apenas alguns alunos mostraram interesse na discussão, ficou acordado que eu criaria um fórum de discussão na plataforma Moodle para que todos pudessem colocar seu ponto de vista. Dessa forma, o auxílio de tal interface assíncrona mesmo em ambiente presencial propiciou ao aluno compor sua reflexão (parte) a partir do tema (todo). É claro que tal processo ocorreu sem uma linearidade previsível, pois além das construções a partir do que já haviam realizado, alguns alunos elaboraram seu relato também a partir da opinião de outro participante. Como se pode verificar nos seguintes excertos com grifos meus:

Karina:

Para ser sincera, não gostei do livro "A menina que roubava Livros".

Não posso negar que o livro serviu como um grande conhecimento, concordo totalmente com



o Pedro, quando ele diz que um comunicador tem que se manter atento a toda comunicação que acontece no mundo, e para mim o livro trouxe mais informações da época nazista, envolvendo uma ampla descoberta entre a morte, a guerra e o amor. (...)

Giuliana:

Gostei muito de ler o livro..

Que nem a Danielli falou não sei se chega a ser um livro essencial no curso de Comunicação Social, mas como nessa área é muito bom ter cultura e conhecimento das coisas, sempre é bom ler livros, pois além de aumentar o conhecimento, o português e a leitura cada vez mais vai ficando melhor. (...)

Entendo que a ferramenta fórum de discussão pode ser um grande aliado para a construção de conhecimento, já que por meio da interação propiciada pela interface, é possível refletirmos e ressignificarmos o que está sendo discutido.

Feita a análise da atividade, passo a seguir as considerações finais mas não definitivas deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morin (2009) aponta para a necessidade de uma Reforma de pensamento, já que o Paradigma Tradicional instaurou um contexto educacional em que o conhecimento é mutilado e estanque. No entanto, para que tal reforma ocorra é necessário que esse contexto impregnado pela inteligência cega, seja previamente reconfigurado. Então o que fazer fazer? Como fazer?

Acredito e concordo com o autor que não há soluções mágicas, mas como ele próprio coloca (Morin, 2009:75):

(...) Não se pode programar e nem mesmo prever, mas se pode identificar e provocar reações. A própria idéia da Reforma poderá reunir espíritos diversos, reanimar espíritos resignados, suscitar proposições.

Quando analiso a trajetória deste estudo, percebo que, apesar do cenário tradicional, a atividade caminhou rumo a um processo de ensino-aprendizagem em que a construção do saber ocorreu a partir das várias interações entre sujeito e objeto marcadas pelos princípios da Complexidade. Em movimentos recursivos, a construção do conhecimento transformava-se na interação entre aluno e livro, na discussão entre alunos, na seleção e análise de um filme, no diálogo com a disciplina de Expressão



Corporal, no feedback das apresentações e no fórum de discussão. Sob o olhar do Pensamento Complexo, esses momentos trazem a marca do princípio dialógico em que posições antagônicas complementam-se em outros instantes, instigando, por exemplo, a presença de um romance sobre determinada época num curso universitário profissionalizante. Finalmente, mas não definitivamente, o princípio hologramático cercou as partes e o todo da atividade. A totalidade da atividade também se encontra presente em nosso próprio interior, em como traduzimos nosso processo de ensino e aprendizagem nas várias interações que somos parte em alguns momentos e todo em outros.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. 2009. MOODLE: estratégias pedagógicas e estudos de caso. In L. Alves, D. Barros e A. Okada (orgs.) *Um olhar pedagógico das interfaces do MOODLE*. EDUNEB.

BAGNO, M. 2009. *Preconceito lingüístico: como é, como se faz.*, 51ª ed., Loyola.

BEHRENS, M. A. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 439-455, set./dez. 2007

FERRAZ, O. 2009. MOODLE: estratégias pedagógicas e estudos de caso. In L. Alves, D. Barros e A. Okada (orgs.) *Tecendo saberes na rede: o MOODLE como espaço significativo de leitura e escrita*. EDUNEB.

MORAES, M.C. 2008. Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online. In M.C. Moraes, L. Pesce e A.R. Bruno (orgs.) *Educação à distância e a resignificação dos paradigmas educacionais: fundamentos teóricos e epistemológicos*. RG Editores.

MORIN, E. 2007. *Introdução ao pensamento complexo.*, 3ª ed., Editora Meridional/Sulina.

MORIN, E. 2009. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.*, 5ª ed., Cortez.

MORIN, E. 2010. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.*, 17ª ed., Bertrand.

ZUSAK, M. 2007. *A menina que roubava livros*. Intrínseca.